

ESTUDO DAS DIFERENTES ESTRATÉGIAS EMPREGUES NUMA TAREFA COM OU SEM PRIVAÇÃO DE VISÃO

MARIA ISAURA ALMEIDA (*)
MARIA GABRIELA SIMÕES (*)

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos cegos, as informações perceptíveis tácteis têm uma importância primordial e poderão «substituir» ou compensar o déficit de informações visuais.

Grande número de pesquisas consagraram-se às repercussões da cegueira e das privações sensoriais em geral, sobre o desenvolvimento da inteligência.

Através da visão nós exploramos o real e as crianças cegas, ou com diferentes graus de deficiência visual, têm que operar esta relação com o mundo utilizando outras estratégias.

O cego é privado de uma certa aparência das coisas e não do conceito de espaço, de origem puramente táctil.

Quanto à imitação, a criança cega tem uma série de dificuldades já que, considerando que a imitação é uma reprodução voluntária de uma conduta, o cego só poderá imitar-se a si mesmo, por tentativa e erro, através de acções realizadas anteriormente.

Por volta dos 6 anos, a criança cega é capaz de fazer classificações e ordenações em função de diversas propriedades ou ca-

tegorias, ou seja, séries classificativas segundo categorias lógicas.

Verificou-se, através da passagem de testes como a Wechsler e Taman, que estatisticamente a cegueira não implica problemas no desenvolvimento intelectual. Admite-se pois que não há relação de causa/efeito entre a debilidade mental e a cegueira.

Há no entanto, obviamente, certas diferenças, uma vez que os processos de aquisição de conhecimentos são diferentes. A privação de estímulos visuais forçosamente interfere no desenvolvimento mental, uma vez que o cego está privado de imagem. No entanto, isto poderá ser compensado com associações tacto-cinestésicas e auditivas.

O problema que nos propomos tratar ao longo deste trabalho é relativo aos efeitos desta privação sensorial na realização de uma tarefa.

A redução das possibilidades de conhecimento perceptivo terá repercussões nos processos intelectuais, postos em jogo na resolução desse problema? Quais serão as estratégias postas de pé, numa mesma tarefa, com ou sem privação de visão?

No nosso trabalho um grupo de crianças trabalhava habitualmente, usando a sua visão e outro trabalhava de olhos vendados,

(*) Estudantes no ISPA.

apreendendo o material somente através da percepção tátil.

A comparação entre os grupos (em situação de *olhos abertos* e *olhos vendados*) poderá revelar-se interessante, uma vez que as crianças, em situação de olhos vendados, temporariamente privadas de visão mas beneficiando da sua experiência anterior neste domínio, encontram-se (do ponto de vista experimental) numa situação intermédia entre os normo-visuais (dispondo de todos os seus órgãos sensoriais) e os cegos (totalmente privados de representações visuais).

2. METODOLOGIA

Amostra

A amostra foi constituída por 24 crianças que frequentavam 2 jardins de infância do mesmo sector geográfico de Lisboa e pertencentes à mesma instituição (SCML).

As crianças foram seleccionadas em função das seguintes variáveis:

- Sexo (12 ♀ e 12 ♂)
- Idade (compreendida entre os 5 A. 3 M. e os 6 A. 3 M.).

Material

O material usado era composto por 8 pranchas de cartão com 25 cm × 12 cm e por 12 blocos lógicos de plástico (4 quadrados, 4 triângulos, 4 círculos).

Estes blocos são familiares às crianças pois pertenciam às suas salas e variam em 3 parâmetros (FORMA, ESPESSURA e TAMANHO).

Para cada forma há as variantes *FINA/GROSSA* (com 0,25 cm e 0,5 cm de espessura) e *GRANDE/PEQUENA* (com 5 cm ou 2,5 cm de lado ou diâmetro), sendo as 3 formas: o quadrado, o triângulo e o círculo.

Modo de procedimento

Três semanas antes de realizarmos a experiência, fizemos um pré-teste para determinar o tempo limite das provas, do qual resultou:

- 1' 30" — execução da prova na situação de olhos abertos
- 3' 30" — execução da prova na situação de olhos vendados.

Após apresentarmos o material às crianças e de lhes fazermos notar que cada forma tinha duas espessuras e dois tamanhos diferentes, formulávamos a consigne segundo a qual cada criança tentaria encaixar as peças nos sítios correspondentes das pranchas. Havia apenas um lugar correcto para cada forma e era pedido à criança que reproduzisse oralmente o que ia fazendo.

Parámos ao fim de 3 insucessos seguidos ou quando a criança se recusava a prosseguir.

Toda a parte verbal foi registada através de um gravador e tentámos anotar num papel o máximo de comportamentos não verbais que nos era possível captar.

Feita a descodificação, todos os comportamentos verbais e não verbais foram assinalados, permitindo encontrar frequências e será a partir desses dados que faremos a análise e interpretação dos resultados encontrados.

Hipóteses

A natureza da tarefa — encaixe de formas variando em 3 parâmetros (forma, tamanho e espessura) — realizada em 2 situações (olhos abertos e olhos vendados), oferece a possibilidade de comparação de estratégias utilizadas numa e noutra.

Assim, as nossas hipóteses são:

- 1 — As crianças utilizam diferentes estratégias nas situações de olhos abertos-

-olhos vendados, o que pressupõe uma adaptação à tarefa. Esta diferença traduz-se por um emprego mais frequente de comportamentos tácteis em situação de olhos vendados.

- 2 — Não há diferenças em relação às estratégias utilizadas entre rapazes e raparigas, colocados na mesma situação.

3. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nossa 1. hipótese foi confirmada enquanto que a 2.^a não o foi uma vez que verificámos que em certas situações, respeitantes a certo tipo de comportamentos, há diferença nos resultados obtidos por rapazes e raparigas.

Os comportamentos verbais

Notou-se uma predominância deste tipo de comportamentos em situação de olhos vendados (56%). Na sua maioria, as crianças especificavam um (37%) ou dois (33%) atributos das peças que iam encaixando.

As raparigas justificavam em maior percentagem do que os rapazes, o encaixe feito ou a troca de peça efectuada.

Em situação de olhos vendados, os rapazes especificavam mais 2 atributos das peças (19%) enquanto que, em grande parte (18%) as raparigas especificavam apenas 1 atributo.

Na situação de olhos abertos, rapazes e raparigas, maioritariamente (23% e 21% respectivamente) especificavam um só atributo das peças.

No nomear de 3 atributos das peças (forma, tamanho e espessura), a percentagem encontrada nos rapazes foi o dobro da das raparigas em ambas as situações.

Podemos dizer, no entanto, que as raparigas, apesar de menos rigorosas na espe-

cificação dos atributos, justificaram-nos muito mais o que iam fazendo durante a sua prova.

Os comportamentos não verbais

Na situação de *olhos abertos*, das 12 crianças observadas, os comportamentos mais notórios foram os de pressão (24 registos) e de confirmação (22 registos), sendo nos primeiros os mais predominantes o comportamento de pressão com o dedo indicador (normalmente o direito) e o comportamento de pressão com a mão aberta ou fechada (normalmente a direita).

Em relação aos comportamentos de confirmação, os mais observados foram: passar a mão pela prancha (6 registos) e passar com o dedo indicador, confirmando a posição da peça encaixada (16 registos).

Do total de 24 registos na categoria de pressão, 17 comportamentos foram feitos por raparigas e só 7 pelos rapazes, enquanto na categoria de confirmação, dos 22 registos, 21 foram feitos por raparigas e 1 por rapazes.

Na situação de *olhos vendados* existe vasta gama de sinais de procura, preferência e reconhecimento ao nível das mãos.

Na confirmação da peça colocada na prancha, os comportamentos de passar com o dedo indicador pela prancha ou a mão foram os mais frequentes (27 e 20 registos, respectivamente).

Houve uma grande variedade de modos de explorar o material, sendo os mais frequentes o tactear com a mão (53 registos) e o encaixe por tentativa e erro (52 registos).

As raparigas percorriam mais vezes a prancha com a peça até encaixar do que os rapazes. O tactear com o dedo indicador ocorreu, em contrapartida, mais nos rapazes.

Tempo de realização da tarefa

Em média, o tempo por criança na situação O. A. e O. V. é de 7' 15" e 18' 27", respectivamente. As médias totais por prancha são na situação O. A. de 4' 41" e na O. V. 12' 18".

Verificámos que o tempo de realização era variável de prancha para prancha, sendo a última (n.º 8), em ambas as situações a que demorava menos tempo (ou pela criança ter realizado alguma aprendizagem ou talvez por estar cansada, encaixando sem ter em conta o êxito ou fracasso). Tendo em conta a variável sexo, as raparigas demoraram sempre mais tempo do que os rapa-

zes na realização das tarefas (tempo médio por prancha: — raparigas O. A. 4' 9"; O. V. 9' 39"; rapazes O. A. 3' 6"; O. V. 8' 48").

Creemos que estes resultados nos levam a reconhecer a maleabilidade da criança para pôr de pé uma vasta gama de estratégias no decorrer das suas *performances* o que revela uma grande capacidade de adaptação à tarefa em ambas as situações.

REFERÊNCIAS

- HATWELL, Yvette — «Privation sensorielle et intelligence», PUF, 1966.
FRAISSE, Paul — «Traité de Psychologie Expérimentale» (Cap. II e IV), PUF, 1963.